

A TRANSFORMAÇÃO URBANA DE MONTES CLAROS: SURGIMENTO E CRESCIMENTO DO BAIRRO CIDADE INDUSTRIAL

SILVEIRA, Yara Maria Soares Costa da*

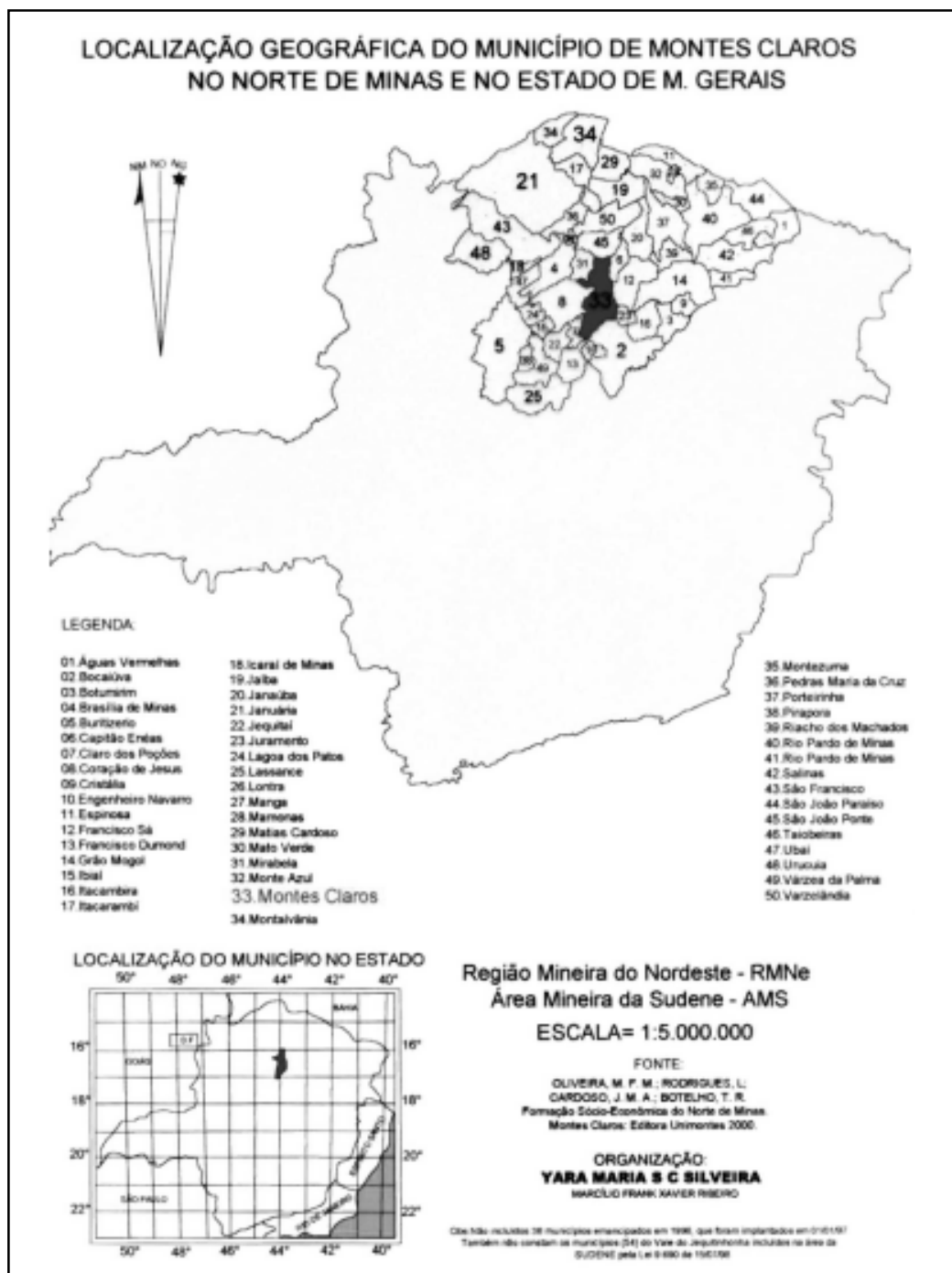
Resumo: A cidade de Montes Claros situa-se estrategicamente no Norte de Minas Gerais, apresentando boas alternativas e possibilidades de investimento; sendo considerada elo de ligação entre as regiões urbanas do país, por isso chamada “Centro Polarizador” no norte-mineiro. Sua posição geográfica, proporciona a ela ser pólo de atração para vários serviços lucrativos, o que tem levado ao aumento das imigrações por parte da população circunvizinha, gerando o êxodo-rural. Este, pode ser comprovado pelo Bairro Cidade Industrial, que surgiu em 1993 na periferia da cidade. Essa ocupação desmedida acabou por afetar o planejamento urbano daquela região, provocando alterações no espaço geográfico. Neste contexto, têm-se como objetivo o estudo das manifestações e avanços urbano-industriais da cidade de Montes Claros a partir de 1970, enfatizando a origem do Bairro e suas transformações espaciais e sócio-ambientais. Buscou-se embasamento teórico para realização do estudo e, através de elaboração de questionário, realizou-se a parte prática da pesquisa, com posterior tabulação dos dados. Pode-se perceber as transformações urbano-espaciais que marcaram a região, tornando visível a necessidade de se transformar a história daquele lugar com investimentos sócio-econômicos/educacionais que proporcionarão a mudança da qualidade de vida.

Palavras-chave: centro polarizador; cidade industrial; exodo rural; imigrações; elo de ligação.

Considerações iniciais

O Município de Montes Claros, com área aproximada de 4.135 km², localiza-se no Norte do Estado de Minas Gerais situando-se na Bacia do Alto Médio São Francisco, nos vales do Rio Verde Grande, Pacuí e São Lamberto. Limita-se ao Norte com São João da Ponte; ao Nordeste com Capitão Enéas; à Leste com Francisco Sá; ao Su-

* Mestre em Planejamento Urbano e Sócio-Ambiental pelo UFU-MG. Professora da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES e das Faculdades Unidas do Norte de Minas – FUNORTE. mscostas@uai.com.br.



MAPA 1 - Mapa da Localização geográfica do município de Montes Claros no Norte de Minas e no Estado de Minas Gerais

Fonte: OLIVEIRA, *et al.*, 2000.

deste com Juramento e Glaucilândia; ao Sul com Bocaiúva e Engenheiro Navarro; ao Sudoeste com Claro dos Poções; a Oeste com Coração de Jesus e São João da Lagoa e ao Noroeste com Mirabela e Patis.

A sede do Município possui uma altitude média de 638 metros, numa área de 97 km², com latitude 16° 43' 41" S, e longitude 43° 51' 54" W. Está inserido na Macroregião do Nordeste e Microregião de Montes Claros (Metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE) e na Região Mineira do Nordeste – RMNe (Metodologia da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE/ Agência de Desenvolvimento do Nordeste - ADENE ? Distritos/População), conforme demonstrado no MAPA 1.

Montes Claros foi considerada, até os anos 70 do século XX, Capital do Polígono das Secas. Possui aproximadamente 348.991 habitantes, segundo estatísticas do IBGE/ Secretaria de Planejamento – SEPLA / 2006. Devido a sua posição estratégica em relação aos mercados Centro Sul, Norte, Nordeste, passou a ser classificada como Centro Polarizador do Norte de Minas Gerais.

O relatório do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (1986) descreve-a como principal pólo do norte de Minas Gerais onde se concentra a oferta dos diversos serviços regionais, constituindo-se alvo dos fluxos migratórios da região. O avanço projetado pelas indústrias trouxe estrangulamento na infra-estrutura existente.

A partir daí, a história confirma que o processo de ocupação urbana sofreu transformações radicais que geraram sensíveis modificações no espaço geográfico ocupado pelo sítio urbano. Portanto, o objetivo geral deste trabalho é discutir a evolução urbano-industrial de Montes Claros como centro polarizador a partir de 1970 que originou o bairro Cidade Industrial, num estudo de caso explicando as transformações espaciais e sócio-ambientais do mesmo.

Diante dos estudos já realizados, pôde-se concluir que Montes Claros não se preparou para receber um acréscimo significativo de população de baixa renda, não conseguindo assim, viabilizar-se para controlar a crise urbana nela instalada. Como consequência, surgem ocupações urbanas ilegais e invasões de terras disponíveis que veio gerar um inevitável quadro de pobreza local/regional, aqui evidenciado num estudo de caso do bairro “Cidade Industrial” anteriormente conhecido como “Favela Coberta Suja”.

No estudo da evolução de Montes Claros, bem como na história do surgimento e crescimento do bairro Cidade Industrial, busca-se compreender as transformações espaciais e sócio-ambientais ocorridas no mesmo.

De acordo com Pereira (2002: 19) “(...) O significado de uma cidade é a geografia dos arranjos, ou seja, deve-se olhar para um sítio como um lugar que tenha a função de ser o centro de uma região.”

Entende-se que este trabalho contribuirá para as discussões sobre geografia urbano-regional do Norte de Minas, possibilitando aprimoramento das reflexões e análises do desenvolvimento de Montes Claros como centro polarizador regional.

A transformação urbana da cidade de Montes Claros: surgimento e crescimento do bairro Cidade Industrial

O pólo-cidade, principalmente nos países subdesenvolvidos, constitui-se em área mais dinâmica, graças a construção pela economia dominante de uma infra-estrutura mínima, indispensável a exploração econômica. Nele, abrem-se novas oportunidades de trabalho atraindo migrantes do interior e também do exterior a fim de exercerem atividade de gerenciamento/diretoras. A população concentra-se na área de produção e apesar disto boa parte dela convive com baixos salários, criando-se um novo mercado consumidor que provoca desenvolvimento dos transportes comércio e serviços.

Nesse contexto, de acordo com Andrade (1987), nos países subdesenvolvidos, existem pólos de crescimento, os das cidades-pólo porque a dinamização econômica faz crescer a renda que, por sua vez, incentivava as estruturas locais/regionais. Todavia, não melhoram as condições de vida da população, desorganizando assim, o cotidiano dos cidadãos. A economia de subsistência, conseqüentemente, projetou as emigrações sazonais dos trabalhadores, que vieram desorganizar a vida familiar, gerando assim, o êxodo rural sem que as cidades-pólo dispusessem de emprego para oferecer condições de vida decente aos que nela se fixavam. Estes fatores provocam uma queda nas disponibilidades alimentares e do consumo de calorias *per capita* do povo, numa época que não se pode admitir possibilidade de uma sociedade estática, isolada, num planeta cada vez mais integrado. A difusão, o aperfeiçoamento dos transportes e o crescimento vertiginoso da população, geraram políticas desenvolvimentistas de estruturas mais sãs condizentes às necessidades do mundo moderno.

No caso brasileiro, só após 1950 surgiram em várias regiões do Sudeste um conjunto de *Ilhas Culturais e Econômicas* dispersas, formando um continente que se gravitava economicamente em torno de um pólo – São Paulo. Essas ilhas constituíram-se pólos de uma constelação de terceiro, quarto quinto grau, que se intercomunicam e se completam em torno de dois ou três grandes pólos ou macro-regiões.

Neste sentido, baseando-se também nos estudos de Michel Rochefort, Andrade (1987) descreve a hierarquia entre os pólos, de integração e delimitação das suas áreas no espaço, ligados uns aos outros por vias de transportes e comunicações denominando-os de *centros de polarização*:

...uma ligação de certo modo permanente entre a potência dos serviços de enquadramento terciário de uma cidade e a importância industrial da mesma. (...) provoca a multiplicação dos serviços numerosos e variados, atrai novas industriais. (ANDRADE, 1987: 71)

Montes Claros, nesta classificação, enquadra-se no Pólo-Centro de uma grande Região. “Além dos serviços existentes, possui universidade, grande hospital dispondo praticamente de todas as especialidades, teatro, consultorias, comércio popular e de alto luxo”, entre outros (ANDRADE, 1987).

Neste contexto, para Oliveira (2000), a ascensão de Montes Claros como centro de uma grande região se dá de forma lenta, gradual, devido a fatores como:

- Decadência das cidades ribeirinhas e em especial, do lado oeste do Rio São Francisco, quando o eixo econômico foi afastado para o Sertão. Este foi povoado por uma vasta rede de caminhos e estradas, como a da Bahia que seguia o Rio Verde onde os povoados concentravam na sua cabeceira: Rios Vieira, Bois, Lagoinha e Canoas, local que estava Formigas, hoje Montes Claros.
- A descoberta de jazidas minerais em Itacambira, leste de Montes Claros, que ajudou a fortalecer a população da antiga Formigas.
- Os eixos econômicos da época, Zona da Mata Mineira e Rio de Janeiro, que eram feitos por Montes Claros, pois estava no caminho da Bahia.
- Os fatores ecológicos favoráveis. Pois o Município está localizado no encontro de sub-bacias hidrográficas dos Rios Jequitai e Verde Grande, com manifestações de vegetações diferenciadas, como matas ciliares, cerrados e caatingas. Ressalta-se aqui, outro fator hidrográfico, o de estar próxima ao divisor de águas das Bacias do Rio São Francisco e Jequitinhonha com fácil acesso as mesmas. Outro fato, era a área mais salubre para a população e conseqüentemente favorável ao desenvolvimento de centros de invernada de gado.
- Com a emancipação e consolidação do Povoado em Vila, bem como a instalação efetiva em 1832 da Câmara de Vereadores, obtém-se uma conquista institucional valiosa para o município.
- Os aspectos econômicos, atrelados às condições naturais que propiciaram sucesso na pecuária bovina e de seus artefatos, além das atividades ligadas a produção de cana-de-açúcar, algodão, salitre, vieram reforçar os fluxos do comércio e região.
- A chegada da Ferrovia à cidade, em 1926, ligando o Município e região a lugares distantes.
- Todos os fatores acima mencionados dinamizaram o centro regional, e as raízes da polarização de Montes Claros, portanto, anteriores à industrialização advinda com a SUDENE, a partir de 1960. Montes Claros evidenciou-se como principal centro industrial, comercial, político e administrativo da Região Mineira do Nordeste (RMNe).

Estes fatores são reafirmados por Carneiro (2002) quando analisa Oliveira (2000), descrevendo-os assim:

a chave para o crescimento e modernização urbana e regional foi o desenvolvimento do sistema de transportes, que favoreceu o acesso aos mercados urbanos.

Somou-se a este fato a expansão capitalista encaminhada, sobretudo, pelas políticas de incentivo, subsídios e investimentos, que acelerou a utilização do trabalho assalariado não só nas cidades, mas, também, no campo, contribuiu para o crescimento do mercado interno e para o processo de urbanização...

O acelerado processo de urbanização, na segunda metade do século XX, colocou Montes Claros como polarizador da vida econômica, política e cultural local e regional, assumindo um papel de comando na organização do espaço Norte Mineiro. (CARNEIRO, 2002: 39)

A autora refere-se à Montes Claros como centro polarizador ressaltando aspectos importantes:

- Nas últimas décadas a cidade apresenta-se com acelerada taxa de crescimento e considerável desenvolvimento na infra-estrutura urbana, fatores que possibilitam a concentração de atividades econômicas e serviços para uma grande região. Nesse sentido, sua influência como centro polarizador com cerca de 342.991 habitantes (IBGE – 2006), influencia uma população de 1,5 milhão de pessoas, principalmente pelo desempenho político e por estar inserida nas esferas estadual e federal desde o tempo do império, garantindo desta forma a singularidade do seu “*grupo de poder*”, em relação aos demais municípios da região.
- Ao longo dos 145 anos de história, o município montesclareense baseou sua economia na exportação de produtos primários, todavia conserva ainda a agricultura e a agropecuária. Hoje, a indústria é o seu principal setor econômico, perfazendo 50% do Produto Interno Bruto (PIB) da cidade. O setor terciário é forte e de crescente complexidade. Nele, o pólo de ensino superior tem contribuído efetivamente através das Instituições Públicas e Privadas.
- Outro fator que consolidou a polarização foi sua relativa distância de Belo Horizonte e demais centros. O município devido ao “*isolamento*” buscou desenvolver sua vocação e prioridades. Muniu-se de setor econômico complexo, com quase todos os tipos de serviços e órgãos públicos estaduais e federais, fortalecendo-se como centro de serviços, administração, comércio. Esta concentração econômica forjou o embrião de uma rede urbana regional a partir de Montes Claros.

Gervaise (1975), em suas reflexões já considerava Montes Claros como uma capital regional, que dominava a região de forma absoluta. Uma dominação nos contextos extrativo, industrial, comercial, bem como, populacional, servindo ao Norte de Minas como evidências de uma rede urbana incompleta. Neste sentido entende-se que Mon-

tes Claros, como Centro Regional, servia a uma grande área de influência e organizava em torno de si, direta ou indiretamente, a hierarquia do desenvolvimento macroregional.

Com base nestas considerações analisa-se o processo de ocupação do Norte de Minas, onde está Montes Claros como cidade polarizadora desta região e o Bairro Cidade Industrial como conseqüência de expansão urbana.

Diante das reflexões já expostas, entende-se que todas as fases da evolução econômica vividas em Montes Claros foram lentas até os anos 70. A partir dessa data os setores da economia tornaram-se dinâmicos, o que modificou acentuadamente o cotidiano da cidade e da sua população. A mesma não estava estruturada para receber o fluxo populacional, industrial, comercial e financeiro que, para ela, foram atraídos. Fato que trouxe alterações nos seus indicadores sociais.

Oliveira (2000) analisa o crescimento local referindo-se a esse contexto descrevendo-o, “(...) mesmo Montes Claros, onde se concentram melhores indicadores, a situação ainda prevalece de subdesenvolvimento”. A renda se apresenta muito concentrada e a quantidade de pobres significativa.

A posição do Município é de “Desenvolvimento Intermediário”, numa região onde predominam uma das piores condições sócio-econômicas do Estado. Conseqüentemente, a população sofre injustiças na distribuição de recursos financeiros, infraestrutura e ineficiência das áreas rurais. Esses problemas citados incidem diretamente sobre os habitantes da cidade e região, e são eles frutos da política de desenvolvimento concentradora, que conduz a exclusão social de grande parte deles.

Neste enfoque, no ano de 1993, na região nordeste do sítio urbano montesclarenses, surge o bairro Cidade Industrial que teve sua ocupação físico-territorial agravada, afetando o planejamento proposto para essa localidade.

Nos anos de 1960-70, os estabelecimentos industriais de Minas aumentaram de 12 mil para 18 mil, todavia, somente a área de Belo Horizonte, apesar da ênfase da descentralização, ocupou-se de 49,7% dos mesmos (RODRIGUES, 1983).

Com os incentivos fiscais/federais para as Companhias de Distribuição de Indústrias - CDIs em Minas Gerais, cresceu o número de investimentos e a diversificação da estrutura produtiva no referido estado. Os centros polarizadores, fora da área de Belo Horizonte, experimentaram, na década de 80, forte dinamismo demográfico.

No período de 1981-91, alguns municípios do referido estado apresentaram altas taxas de crescimento geométrico anual médio das suas populações, com significativas contribuições relativas a imigrantes. Cinco municípios mineiros se destacaram: Uberlândia, Pouso Alegre, Sete Lagoas, Montes Claros e Varginha.

Em Montes Claros, como em outras regiões do estado, a Companhia de Distritos Industriais aconteceu por atitudes isoladas. Foi opção locacional para reinstalar-se um pólo econômico e também importante centro populacional. Neste sentido, verificaram-se as cabíveis possibilidades de ampliação/instalação de estruturas de comunicações, transportes, aparelhamento técnico, além da expansão do capital.

O espaço urbano montesclareense passa a gozar de nova dinâmica industrial, transformação bastante sensível na sua reorganização interna. Assim sendo, as unidades industriais/produtivas foram instalando-se gradativamente, fato esse que provocou intenso afluxo populacional, pois o mercado de mão-de-obra estava em expansão, o que contribuiu para radicais mudanças na estrutura urbana. A CDI montesclareense adequou-se em sua estrutura para atender as exigências da demanda estadual e nacional. Muitas vezes, as mudanças espaciais e sociais interferiram no espaço urbano nos aspectos ambientais e sócio-econômicos.

O município, segundo estudos de Stefani e Rangel (2002), polarizou uma ampla superfície territorial e, devido a sua posição geográfica, insere-se numa rede urbana menos complexa, de dinamismo econômico mais baixo.

Na década de 1970-80 o crescimento urbano do município acelerou-se. Os deslocamentos das populações urbanas e rurais de outros municípios da região efetivaram-se na busca de novas perspectivas de trabalho. Foram constantes, principalmente devido aos contínuos períodos de seca nas áreas circunvizinhas ao município.

Verifica-se o crescimento da população e contribuição dos imigrantes no efetivo da mesma nas décadas de 1970-80 e 1980-91, do século XX, conforme TAB. 1 a seguir.

TABELA 1

Crescimento populacional e contribuição relativa dos imigrantes da década na população total dos municípios selecionados.

Municípios	Pop. 1970	Pop. 1980	Pop. 1991	T.C.G. 70/80	T.C.G. 80/91	(%) Imig. Pop. 1980	(%) Imig. Pop. 1991
Uberlândia	124.706	240.961	367.061	6,81	3,90	35,13	24,54
Pouso Alegre	38.072	57.364	81.836	4,18	3,28	28,90	23,63
Sete Lagoas	66.585	100.628	144.014	4,22	3,22	24,80	19,30
Montes Claros	116.486	177.308	250.062	4,29	3,07	22,40	19,32
Varginha	43.628	64.906	88.022	4,05	2,81	20,70	19,22

Fonte: STEFANI; RANGEL (2002). (Grifo Nosso) Yara Silveira (2003).

Observa-se que a população montesclarenses cresceu acentuadamente nas décadas anteriormente citadas. Foi significativa a contribuição dos imigrantes, devido a forte expansão econômica dos períodos supramencionados. A imigração apresentava menor taxa no período de 1980 a 1991, fato que sugere a seguinte interpretação: a manutenção da intensidade do processo de crescimento e urbanização no referido município aconteceu também nos demais, de acordo com os dados demonstrados na tabela.

Montes Claros conta atualmente com dez distritos e cento e cinquenta e dois loteamentos (SEPLA, 2006), possuindo aproximadamente 94% da população na zona urbana e 6% na zona rural (IBGE, 2006).

O Município sofre um processo de urbanização vertiginoso, a ponto de tornar-se conhecido como uma das cidades que mais cresce em Minas Gerais. Este fato, observado por diversos ângulos, mostra o acentuado progresso geométrico no traçado e nas dimensões das ruas e logradouros públicos. Suas ruas centrais, onde são formados os núcleos comerciais, financeiros e residenciais, são geralmente estreitas e pequenas, não atendendo às exigências da grande população, como também do intenso comércio e indústrias locais.

Ao analisar documentos de entidades públicas de Montes Claros, nota-se que os administradores do passado não tiveram a necessária previsão do seu desenvolvimento, fato que se repetiu de acordo com a conveniência sócio-econômica e política da época, aprovando plantas de loteamentos, com as mesmas irregularidades anteriores, sem obediência mínima aos preceitos urbanísticos, bem como cumprimento parcial de planos diretores desenvolvidos desde os anos setenta. Atualmente, esses acordos de conveniência têm sido minimizados frente à atitude mais efetiva da sociedade montesclarenses juntamente com a administração municipal.

Na década de setenta do último século, o município apresentava-se como única área regional que exercia grande atração para populações urbanas e rurais, isto é, em relação às outras que compõem a região norte mineira. Este fato deve-se a grande desigualdade nas condições de vida das populações urbana e rural, além do baixo nível de infra-estrutura e desenvolvimento dos demais municípios da região. Assim, Montes Claros tornou-se alvo de atração de intensos movimentos migratórios para as populações que deslocavam de várias cidades circunvizinhas e da zona rural do próprio município. De acordo com a SEPLA (2006), Montes Claros cresceu 244% no período de 1960 a 1978, de cinquenta mil habitantes para cento e setenta e dois mil.

... A cidade passou a ser sufocada por uma série de graves problemas de ordem social com excesso de migração, a falta de habitação, a carência de um eficiente sistema de abastecimento de água, a

inexistência de uma política agressiva de saneamento básico, o surgimento de favelas, o aumento do índice de marginalidade e criminalidade, a delinqüência juvenil (...) Uma série de problemas congêneres que clamavam por ação superdinâmica por parte do Órgão Municipal e por todos os órgãos de apoio ao desenvolvimento do Estado. (...) A densidade populacional alcançava índices de crescimento de 7% ao ano (...) o número de favelados na cidade no final dos anos 70, representava 4,2% da população urbana de Montes Claros que era aproximadamente de seis mil pessoas. (LEITE, 2002)

A década de 1980-90 foi importante para a urbanização do norte de Minas com a implantação do Projeto de Cidade de Porte Médio, que objetivava legalizar a situação da qualidade de vida das populações urbanas das maiores concentrações de cidades consideradas de porte médio no país, num pacote de benfeitorias coordenadas pelas Secretarias de Estado/Planejamento. Esse processo teve participação direta do Banco Interamericano de Reconstrução e Desenvolvimento, que alcançou vários estados brasileiros e prefeituras locais, investindo em serviços de infraestrutura, principalmente nas áreas mais carentes dos mesmos, priorizando: acesso a casa própria/conjuntos habitacionais, legalização de posse de terra, serviços urbanos, saneamento básico, pavimentação de ruas. Esses investimentos alcançaram, também, outras necessidades estruturais nas cidades chamadas “médias” do Brasil.

No sub projeto de Montes Claros – Prefeitura Municipal de Montes Claros – está descrito seu objetivo geral:

[...] Possibilitar a população de baixa renda, especialmente a que reside em áreas invadidas ou favelas da cidade, acesso à casa própria, legalização da posse da terra, bem como a serviços urbanos e de saneamento básico elevando assim sua qualidade de vida... (MG/SEPLAN, 1983: 9)

E nos objetivos específicos:

[...] Promover a transferência de famílias das áreas invadidas para as unidades habitacionais o mais próximo possível do local em que já residem. (...) Propiciar a assistência técnica e meios – insumos que facilitam os adquirentes de lotes a alto construção de suas moradias. (...) Implantação de minorias habitacionais (Água, esgoto e fossas) (...) implantação da central de materiais de construção... (MG/SEPLAN, 1983: 9)

A partir deste período, a cidade passa a ser comandada por especulação imobiliária para atender a elite montesclarenses, que também incorpora o poder político local/

regional, principalmente nos bairros a oeste. Nesta área estão localizados os parques ecológicos de Sapucaia e Guimarães Rosa, que sofreram alterações tendo em vista os grandes empreendimentos imobiliários na área.

A década de 90 do século XX apresentou-se, inicialmente, com vertiginoso crescimento a oeste e sudeste do referido sítio urbano. Os demais bairros da cidade foram reestruturados em seus equipamentos, dentre eles o Bairro Cidade Industrial.

No período de 2000 – 2005 outros bairros foram ampliados e oficializados, década de altos investimentos na cidade de Montes Claros, também período de grandes estrangulamentos no saneamento básico, energia, comunicação e questões ambientais locais. A partir dessa data, a cidade passa a ser gerenciada por dois planos de desenvolvimento urbano: o *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano* e o *Plano de Habitação Municipal*, denominado *Habitar-Brasil*. Diante desta nova visão de planejamento e de (Res) estruturação, a denominada “Favela Coberta Suja” passou por um processo de desenvolvimento urbano, sendo nela implantada/ampliada equipamentos de urbanização prioritários para a melhoria da qualidade de vida de seus habitantes, dentre eles: saneamento básico, serviços de energia, telefonia, transporte e educação, dentre outros; além do comércio local. Neste tempo, a favela passa a ser denominada oficialmente pela SEPLAN – Montes Claros, por “BAIRRO CIDADE INDUSTRIAL”.

O crescimento urbano da cidade provocou alterações radicais entre o espaço urbano e rural do norte de Minas. A situação nas áreas periféricas de Montes Claros, e principalmente próximo à sua CDI foi evidentemente negativa no que se referiu à qualidade de vida dos seus habitantes, pois vinham em busca de trabalho e na maioria, ficavam desempregados, pois as empresas da CDI só contratavam mão-de-obra especializada e tecnicamente sofisticada; fato que veio romper repentinamente com as estruturas tradicionais vigentes.

Montes Claros passou a gozar de dois tipos de estruturas populacionais no que concerne a sua industrialização. Aquela ajustada ao novo dinamismo da economia, que ocupava os espaços urbanos planejados e organizados, devido às exigências técnicas e sociais, e a outra representada por enormes contingentes populacionais sem qualificação adequada, que passaram a ocupar de maneira desordenada os espaços urbanos vazios, como o caso da antiga favela “Coberta Suja”, hoje bairro “Cidade Industrial”. Vale ressaltar que esses dois tipos de estruturas refletem o interesse do capital na constituição de novo modelo econômico e de nova ação do Estado no que diz respeito à reorganização do espaço que buscou produzir uma nova ordem social e urbana, o que não aconteceu efetivamente em nenhuma região de CDIs do estado mineiro.

Com a expansão industrial e crescimento populacional urbano determinou-se a desagregação de antigas áreas rurais, como no estudo de caso aqui descrito. Formaram aglomerações urbanas ilegais com péssimas condições de sobrevivência. Surgiu

uma nova realidade urbana constituída pela área industrial e pelos bairros operários que emergiram de forma desorganizada e desarticulada da proposta inicial das companhias de Distritos Industriais de Minas Gerais.

O bairro Cidade Industrial: um novo urbano em Montes Claros

O “Bairro das Indústrias”, como era assim chamado na primeira proposta da Prefeitura Municipal de Montes Claros no plano estadual de cidade de “porte médio”, surgiu sem nenhuma infra-estrutura próximo a BR-135, parte noroeste da cidade, com a precariedade total, o que evidenciou uma nova realidade social local. Neste prisma, segundo Rodrigues (1983), “[...] A industrialização induzida ignora o urbano e usufrui de toda sorte de benefícios para sua realização [...] uma fronteira, uma dualidade [...] elemento ‘postoço’ à realidade econômica [...]”.

As contradições produzidas pelo avanço do capital na área da CDI e no município como um todo, reproduzem claramente as contradições geradas pelo avanço do mesmo e da indústria. Incorporou-se a ela uma força de trabalho marginal, donde a distribuição das residências evidencia a capacidade sócio-econômica dos indivíduos, os quais por si identificam a materialidade física do espaço.

O Bairro Cidade Industrial surgiu como favela, um bolsão de pobreza, em que as moradias apresentavam-se como um mosaico: lonas, caixotes, papelão, plásticos, cobertas, alvenarias, outros; construídas em forma de mutirão com característica multifamiliar.

Infra-estrutura e vida em sociedade no bairro Cidade Industrial

A rápida e desorganizada ocupação do espaço urbano do bairro agravou-se ainda mais a sua precariedade e despreparada estrutura física. No início, faltavam condições mínimas necessárias para o bem-estar social. Nessas circunstâncias sua expansão contrariou os interesses do próprio capital.

A desorganização social, redução do bem-estar da população ali fixada como habitação, saúde, higiene, alimentação, concorreu demasiadamente para inibir e/ou enfraquecer a capacidade de trabalho dos moradores ali alocados, bem como as suas condições de reivindicação. Também inibiu a participação dos mesmos na vida urbana e até mesmo de administrarem sua ordem social e política, condições básicas para melhoria da qualidade de vida da comunidade.

Neste prisma, os moradores começaram a desenvolver novas relações entre os indivíduos, grupos, trabalho, vida cotidiana. Buscaram organizar-se sob princípios de desenvolvimento familiar, de crianças e jovens; de vizinhos, amigos e comunidade; de doentes, excepcionais e de saúde; de educação, materiais e de serviços; de lazer,

segurança e capital, dentre os principais fundamentos da vida social dos seus habitantes canalizando-os através do mercado e sociedade. Na tentativa de superar todas essas formas de desenvolvimento vitais para a sobrevivência humana, a vida no novo urbano periférico aconteceu na informalidade, porém à medida que as relações dos indivíduos, famílias e vizinhanças iam acontecendo, passavam para a formalidade através de associações, centros comunitários, igreja, escolas, creches, tudo planejado e protegido pela própria comunidade local e o poder público/privado.

A autoconstrução precária com ou sem infra-estrutura e transporte não era a alternativa massiva dos habitantes locais, se houvesse uma outra. Desta forma as construções clandestinas não proliferaram-se e o trabalhador/invasor do bairro “Cidade Industrial” tornou-se proprietário do seu território, mesmo que seja descontínuo e desarticulado da malha urbana de Montes Claros.

Com o tempo, a casa, o loteamento, os investimentos passaram por um processo de consolidação. A favela ampliou-se sem controle e fez-se necessário que o poder público optasse por uma política de regularização dos lotes/loteamentos, estabelecendo desta feita algumas diretrizes como: áreas para praças, lazer, escola, posto de saúde dentre outros. Aqui, o uso dos espaços do bairro revelavam o seu tempo de vida, pois iam submetendo-se a vida diária dos seus moradores, comportamentos, desejos e transformações. A população passa a ser a própria consumidora.

No local identifica-se o lugar da moradia, do lazer, do trabalho, da vida privada e lugares específicos concentrados para abrigar avenidas, ruas, praças, etc. Todavia as transformações que ocorrem gradativamente vão afastando as pessoas sem, necessariamente, romper os laços de amizade que são evidenciados nas festas, velórios, partidas de futebol, mutirões voluntários, outros. Mesmo assim, nota-se que nas transformações ocorridas entre os habitantes e no espaço existem muitas rupturas como a degradação e enfraquecimento das relações sociais ali contidas.

A reprodução das relações econômicas e sociais impostas pelo modelo capitalista, segundo Rodrigues (1983), constitui a “ordem distante” que instala uma outra invadindo a “ordem próxima”. Neste sentido, estabeleceram-se relações novas entre indivíduos, grupos e classes. Entre trabalho e vida, produção e consumo, o homem habitante da cidade passa a comprar seu morar, comer, lazer, saúde, viver, necessitando então de criar condições para o próprio desenvolvimento humano.

No que se refere ao bairro em estudo, foram entrevistados os senhores Antônio Augusto Vieira da Silva e Silvanilton Ramos Pereira (2003), ambos Presidente e Vice-Presidente da Associação de Moradores do Bairro Cidade Industrial, residentes à Avenida Planetária n.º 183, e Rua Sol n.º 85 respectivamente, que confirmaram sobre a história de ocupação do bairro, confirmando assim, os depoimentos

anteriores já descritos, e sobre a infra-estrutura do mesmo. Dentre outros relatos disseram:

- Que residem atualmente no bairro média de três mil pessoas;
- Que os habitantes ali alocados vivem, na maioria, de biscates, ajudas financeiras da Pastoral da Criança, Rotary, Visão Mundial, Prefeitura Municipal, Exército, etc.;
- Que no bairro existem em funcionamento os seguintes serviços urbanos:
- Posto de Saúde (um médico diário, duas enfermeiras, seis agentes de saúde e Programa de Saúde da Família);
- Escola Municipal Rotary São Luis com ensino fundamental e médio;
- Creche Municipal com assistência da Pastoral da Criança;
- Igrejas Católica e Evangélicas dentre elas Adventista, Assembléia de Deus, Batista, Cristã do Brasil;
- Telefones públicos;
- Mercearias (uma de médio porte e oito de pequeno porte);
- Dois depósitos de gás;
- Vários bares;
- Linha de ônibus municipal (de hora em hora);
- Assistência filantrópica do Rotary São Luis, Visão Mundial, Pastoral da Criança, Maçonarias, Sebrae-MG, ONG's, outros;
- Dois locais reservados para praças (ainda sem arborização e estrutura);
- Uma área reservada para campo de futebol.
- Centro de Reeducação do Menor Infrator (Caresami)

Na tentativa de se analisar o âmbito das relações que estruturaram o espaço do Bairro Cidade Industrial constatou-se que nele as formas de intervenção foram primeiramente desorganizadas, deformadas, levando-se em conta a ótica das características anteriormente existentes. É preciso questionar sobre a natureza dessa desordem. Foram as formas de intervenção do espaço através da ocupação urbana? Ou dos vários interesses humanos que trouxeram consigo alguma forma de crescimento

econômico, ou até mesmo contradições? Têm então, que se situar no contexto histórico-social do surgimento e crescimento do referido bairro para se encontrar possibilidades de interpretar e analisar as mudanças produzidas no espaço como: a expansão urbana e populacional, surgimento e instalações de serviços prioritários, assim como as intervenções sobre a natureza local. O espaço foi apossado, transformado e reordenado frente aos interesses humanos e do capital (Vide MAPA 2).



MAPA 2 - Mapa do Equipamento Urbano e Arborização do Bairro Cidade Industrial – 2003.
Fonte: SILVEIRA, 2003. Mapa do município de Montes Claros / F. M. M. Claros.

Se o espaço é resultado das intervenções do homem e dos interesses que lhe são peculiares, entende-se que a função do geógrafo, em especial neste artigo, é ultrapassar o nível de descrição das transformações ocorridas no mesmo. Espaço que, em todo tempo, é transformado em mercadorias, invadido, doado, comprado, vendido, e que, das relações nele produzidas, surgem às verdadeiras possibilidades de intervenção. Dentro de sua estrutura simples e delimitada, esse espaço é rico no contexto de análises. Com certeza, conduzirá as reais intervenções no que se refere ao desenvolvimento humano que ali aconteceram e/ou irão acontecer.



FIGURA 1 - Vista aérea do bairro Cidade Industrial, 2003
Fonte: Org. SILVEIRA, 2003.

Considerações Finais

Compreender Montes Claros, desde suas primeiras funções como “Entrepasto Comercial”, “Ponta de Trilhos”, “Princesa do Norte”, até “Pólo Norte Mineiro”, é entender a evolução do processo histórico por ela vivenciado, suas complexidades de organização, urbanização acelerada, nos últimos cinquenta anos. Retornar ao passado torna-se imprescindível para as considerações do presente, tentando inferir-se sobre as tendências futuras, numa trajetória simples, com marcas efetivas dos habitantes que por aqui vão passando, colaborando assim, para a requalificação e construção de uma Montes Claros tão sonhada por seu povo forte, sertanejo, entusiasta.

As mudanças ocorridas no tempo e espaço contribuíram para a concretização da cidade de hoje, as mesmas foram analisadas e interpretadas a luz dos acontecimentos que fizeram sua história, bem como da interação dos aspectos naturais, locais e estruturais, que refletiram todo tempo na diversidade sócio-cultural, econômica e potencialidades a ela inerentes.

Montes Claros se desponta numa região que, ainda continua buscando vencer a estagnação. Produtora de gêneros tradicionais advindos da agropecuária de subsistência transformou-se por interesses geopolíticos e estratégicos, em pólo industrial entre o sul e norte do país envolvendo a população regional, como também as de outros Estados da Federação, que para aqui vieram incentivados por planos federal e estadual. Outras se deslocaram de suas origens em busca de trabalho e melhor qualidade de vida.

Neste contexto, o centro urbano montesclarenses recebeu, a partir daí, grande contingente populacional de baixa-renda e despreparados para participar do mercado de trabalho local.

O modelo de industrialização instalado foi excludente, desajustado das condições locais e não correspondendo à integração da região ao princípio do desenvolvimento capitalista do país. Vale ressaltar que o modelo adotado desaqueceu o setor agropecuário, atividade de fundamental importância para região e município.

No período de 1978-1982 a área urbana da cidade foi beneficiada com o Programa Especial “Cidades de Porte Médio – COM”, que tinha como principais objetivos diminuir a pobreza e conter os fluxos migratórios. A aplicação deste programa nas suas metas resultou principalmente na parte central e sub-central da cidade, em obras e ações superpostas, desperdício de recursos materiais, humanos e, conseqüentemente, financeiros.

No processo de implantação das indústrias, os incentivos dos governos federal e estadual tinham prazos de vencimento, fato que levou ao fechamento de muitas delas, algumas decretando falência. O período inicial de industrialização também correspondeu ao princípio da periferização da cidade, gerando bairros de baixa renda, até mesmo de favelas, onde os habitantes encontravam-se e ainda se encontram na faixa de renda considerada baixa ou até mesmo miserável.

Montes Claros tem experimentado um crescimento vertiginoso. A cidade é predominantemente horizontalizada devido a sua morfo-estrutura e aspectos históricos do passado. As ruas centrais são estreitas e sem morfologia bem definidas no traçado. Este fato dificulta o escoamento das águas superficiais, sistema viário, circulação da população, influenciando também na instalação e efetivação do comércio. Atualmente, está sendo verticalizada devido a questões de planejamento urbano e congestão do espaço central. A partir do sub-centro e periferia, a cidade apresenta aspecto urbanístico mais moderno, com avenidas e ruas mais largas, tráfego mais fluente, porém entremeado de vazios urbanos, o que dificulta o acesso da população e encaixote os serviços.

A educação montesclarenses destaca-se pela qualidade. Montes Claros possui um ensino superior de destaque e de renome nacional. As Escolas municipais/estaduais e particulares correspondem às expectativas local/regional, bem como, escolas de idiomas, pré-vestibulares, cursos profissionalizantes, de artes e preparatórios para concursos.

Na infra-estrutura, no que concerne a instituições financeiras, cooperativas, saúde, saneamento básico e lazer, transportes, busca-se a melhoria de qualidade nos serviços. No entanto, devido às condições sócio-políticas e econômicas, também fatores

locacionais já relatados e ainda por ser Montes Claros um Centro Polarizador Regional, o município não é auto-suficiente nas funções acima mencionadas. O contingente populacional que dele dependem está acima das suas condições de gestão tanto para as áreas urbanas, quanto rurais.

Nas quatro últimas décadas do século XX, muitas foram as transformações na organização sócio-econômica da cidade, principalmente devido à expansão capitalista local. Isso atraiu populações sertanejas e de cidades menores da região para o referido município em busca de melhores condições de vida.

Essas transformações deixaram marcas nas relações sociedade e natureza. Dentre elas as mais evidentes foram a degradação ambiental, o subemprego ou desemprego, as sub-habitações, favelas e cortiços, as prestações de serviços sem controle do poder público municipal, o comprometimento no desempenho dos serviços de educação, comércio e indústria e o estrangulamento da circulação de meios de transporte, dentre outras. A lógica do capital e do mercado efetivam e comandam a organização do espaço montesclareense e norte-mineiro.

É possível se identificar as principais potencialidades e desigualdades do Centro Polarizador estudado, que interferiram e interferem no crescimento sócio-econômico do município e nas suas relações ambientais, espaciais e políticas locais que certamente contribuíram positivamente ou negativamente no desenvolvimento da cidade.

Tal fato é facilmente observado no norte do sítio urbano em estudo, área periférica em que está situado o bairro Cidade Industrial. No início dos anos de 1970, foi incorporado a área da Companhia do Distrito Industrial de Montes Claros inicialmente como área cedida a chacreiros, após como área invadida. Neste contexto, surgiu a favela da “Coberta Suja” que posteriormente originou o bairro Cidade Industrial, que em toda sua história sofreu contrapontos sociais, políticos, econômicos e conseqüentemente ambientais.

Historicamente foi constituído de construções extremamente desordenadas, em que a infra-estrutura, loteamentos clandestinos, desemprego, mendicância, prostituição, poluição, incorporavam às relações da população no seu dia-a-dia. Hoje, encontra-se semi-urbanizado, mas ainda com amplas defasagens no que diz respeito à qualidade de vida e desenvolvimento humano.

Rodrigues (1989: 366) referindo-se a esse contexto diz, “A segregação espacial urbana mostra os lugares nos quais os cidadãos podem ter acesso. Este acesso depende da classe ou parcela de classe a que pertencem. Não mais cidadãos em geral, mas bem definidos pela classe social a que pertencem”

A cidade na visão capitalista pertence a todos. Faz-se necessário pensar a “ordem e disciplina” da mesma, isto é, na organização espacial cidadina, seus compartimen-

tos, infra-estrutura, relações humanas, políticas e condições ambientais. Se a cidade é este lugar de ordem e disciplina, tais enfoques têm seu início nos bairros. Diante do quadro das questões inventariadas propõem-se ações que se desenvolvidas, ampliarão as chances de garantia dos direitos sociais de cada cidadão que ali reside. Neste sentido, sabe-se que o espaço urbano reproduz contradições e lutas, mas se planejado, organizado e articulado com as políticas urbanas setoriais dará respostas positivas.

Ao concluir este artigo e como não poderia deixar de ser, estamos convictos que o “Bairro Cidade Industrial” incorporou-se à história de um novo Norte de Minas com o advento dos incentivos fiscais proporcionados pela SUDENE/ADENE.

A marca do estigma desencadeado deixou sérias e graves implicações sócio-econômicas na estrutura do município de Montes Claros e também no Norte-Mineiro. Refletiu e ainda reflete as boas expectativas até então sonhadas de um município forte, desenvolvido e centralizador. Um pólo sustentador do desenvolvimento regional. Porém seu crescimento desordenado e voltado para o capital trouxe consigo os sonhos frustrados das populações que com ele sonhavam, especialmente com qualidade de vida, tão almejada pelos sertanejos aqui fixados.

Hoje, como diz Teodomiro Rodrigues Santos (morador mais antigo do bairro): “Quase tudo acabou: as águas cristalinas, o canto do sabiá, o grande pequiizeiro, o araçá, murici e jatobá. No lugar ficou o fumaceiro, a metalúrgica, o carvão, a poluição, de tudo permanece o dinheiro...” E eu cá? O que vou fazer lá?”¹

Abstract: The city of Montes Claros is strategically located in the North of the State of Minas Gerais, presenting good alternatives and possibilities for investments. It's being considered a link among the urban regions of the country, and for this, it is called “Polarized Center” in the Northern of the State. Its geographical position provides it to be an attractive pole for several profitable services, and it has been leading to immigration of the surrounding population causing rural exodus. It can be verified by the appearance of the neighborhood “Industrial City”, which appeared in 1993 in the surroundings of the city. This disordered occupation affected the urban planning of that area, causing alterations in the geographical space. In this context, it is the aim of the study, the advances and industrial-urban manifestation of the city of Montes Claros from 1970 on, emphasizing the origin of the neighborhood and its spatial and social-environmental transformations. It was looked for technical basis to carry out the study, with later data tabulation. It can be perceived the spatial-urban transformations which marked the area, becoming clear the necessity of changing the history of that place with social/economic and educational investments which will provide the changes in quality of life.

Keys-word: polarizer center; industrial city; rural exodus; immigration; link among.

¹Arranjo de Yara Maria S. C. Silveira, 2003.

Referências

ANDRADE, M. C. *Espaço, planejamento e desenvolvimento: uma introdução à economia regional*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

CARNEIRO, M. F. B. *Organização espacial de Montes Claros e a região Norte de Minas*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2002.

GERVAISE, I. A. *A transformação agrária do Nordeste Meridional – Norte de Minas Gerais*. n. 1. Belo Horizonte: Instituto de Geociências – UFMG, 1975.

LEITE, M. E. *Crescimento urbano de Montes Claros a partir da década de 70*. 2002. (Projeto de Pesquisa) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, Montes Claros, 2002.

MONTES CLAROS. Prefeitura Municipal de Montes Claros. Secretaria de Planejamento e Coordenação. PROJETO ESPECIAL CIDADE DE PORTE MÉDIO. *Subprojeto Montes Claros, Componente: implantação de lotes urbanizados*. Montes Claros, mar. 1983.

OLIVEIRA, M. F. M. O processo de formação e desenvolvimento de Montes Claros e da Área Mineira da SUDENE. In: OLIVEIRA, M. F. M.; RODRIGUES, L; CARDOSO, J. M. A; BOTELHO, T. R. *Formação sócio-econômica do Norte de Minas*. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2000.

PEREIRA, F. M. *Cidades médias brasileiras: uma tipologia a partir de suas (des)economias de aglomeração*. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 2002.

RODRIGUES, A. M. *Moradia nas cidades brasileiras*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1989.

RODRIGUES, M. L. E. *Produção do espaço e expansão industrial*. São Paulo: Loyola, 1983.

STEFANI, J; RANGEL, R. *Condições ambientais e crescimento populacional: um estudo de caso*. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002, Ouro Preto. *Trabalhos apresentados...* Ouro Preto: [s.n.], nov. 2002.